

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA

Actas da Conferência Internacional

# APROXIMANDO MUNDOS

EMIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
EM ESPAÇOS INSULARES



Coordenação  
MARIA LUCINDA FONSECA

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA

Actas da Conferência Internacional

# APROXIMANDO MUNDOS

EMIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
EM ESPAÇOS INSULARES



Coordenação  
MARIA LUCINDA FONSECA

**Este livro tem o apoio de:**

ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL, I.P.  
CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES – AÇORES

**EDIÇÃO**

Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento  
[www.flad.pt](http://www.flad.pt)

**TÍTULO**

Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares.  
Actas da Conferência Internacional

**COORDENAÇÃO**

Maria Lucinda Fonseca

**TRADUÇÕES**

Alexandre Abreu

**REVISÃO**

Paula Vicente  
Sandra Silva

**CAPA**

Ra Atelier

**DESIGN**

Sersilito

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

**TIRAGEM**

1000 Exemplares

Lisboa, Maio de 2010

**ISBN**

978-972-8654-45-0

**DEPÓSITO LEGAL**

306385/10



# Índice

- 5 **Nota Prévia**  
*Charles Buchanan*
- 7 **Introdução**  
*Maria Lucinda Fonseca*
- 21 **SESSÃO DE ABERTURA**  
*Rosário Farmhouse*
- SESSÕES PLENÁRIAS**
- 27 A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global  
*Russell King*
- 63 Imigrantes, Turistas e Outros de Fora: “Venha visitar, mas não permaneça”  
– A ameaça de invasão para as sociedades insulares  
*Godfrey Baldacchino*
- 87 As Migrações Internacionais num Mar de Ilhas:  
Desafios e Oportunidades para os Espaços Insulares do Pacífico  
*Richard Bedford | Graeme Hugo*
- 131 Migrações em Espaços Insulares: Testemunhos Açorianos  
*Alzira Silva*
- 139 Migrações, crescimento e envelhecimento demográfico nos Açores  
*Gilberta Pavão Nunes Rocha*

- 155 Transnacionalismo na Comunidade Luso-Americana:  
Redes e Ligações Económicas entre Portugueses e Luso-Descendentes  
Residentes nos Estados Unidos e em Portugal  
*Maria Carolina Marçal*
- 193 Toronto Multicultural e *Little Portugal* (“a Décima Ilha dos Açores”)  
*José Carlos Teixeira*
- 213 Participação política dos Luso-Americanos nos Estados Unidos da América:  
Implicações para os Açores  
*James M. McGlinchey*

## WORKSHOPS

- 231 O binómio insularidade/modernidade – o Bailiwick de Guernsey  
e o “Carro de Jagannath”  
*António Henrique Pontes Tavares*
- 247 Fluxos migratórios e mercados de trabalho locais em espaços insulares:  
O Caso de Zakynthos, nas Ilhas Jónicas (Grécia)  
*Charalambos Kasimis | Apostolos G. Papadopoulos*
- 279 As ilhas como pontos focais no espaço das migrações:  
Práticas transnacionais na emigração açoriana  
*Eduardo Brito Henriques | Alina Esteves*
- 301 Migrações e espaço de oportunidade: uma reflexão sociológica  
*Rolando Lalandia Gonçalves*
- 327 Perspectivas sobre a emigração açoriana no século XIX  
*Carlos Cordeiro | Susana Serpa Silva*
- 347 Emigração açoriana para Curaçau  
*Luiz Nilton Corrêa*
- 361 Dialécticas da mobilidade dos açorianos:  
incorporação em espaços transatlânticos  
*Sandra Roberto*
- 371 Imigrantes nos Açores: Distribuição espacial, situação face ao trabalho  
e aos títulos que habilitam a residir e trabalhar em Portugal  
*Aníbal Pires*
- 387 Estudantes cabo-verdianos nos Açores  
– situação actual e perspectivas futuras  
*Eduardo Costa Duarte Ferreira*
- 407 **ANEXO I** – Nota Biográfica dos Autores
- 413 **ANEXO II** – Programa da Conferência

# Migrações e espaço de oportunidade: uma reflexão sociológica

Rolando Lalanda Gonçalves  
*Universidade dos Açores*

## Introdução<sup>1</sup>

Esta comunicação insere-se no âmbito de um projecto mais vasto de investigação que está a ser desenvolvido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores no domínio da sociologia das migrações.

Nesta primeira abordagem procuraremos, face à pluralidade de espaços insulares (no caso dos Açores), determinar se existe ou não uma relação entre graus de insularidade, as estruturas económicas e sociais, e os espaços de oportunidade vividos e percebidos pelos migrantes (imigrantes/emigrantes).

A construção do nosso modelo de análise terá em conta os seguintes conceitos básicos:

- definição do conceito de insularidade;
- relação entre insularidade, diversidade estrutural e desigualdade;
- espaço de oportunidade;

Tendo em conta este quadro conceptual iremos procurar ver se há uma ou várias lógicas de acção subjacentes aos actores sociais, manifestas nos processos migratórios.

Nesta perspectiva podemos equacionar as seguintes hipóteses de trabalho:

---

<sup>1</sup> A primeira parte, pontos 1 a 3, desta comunicação, foi apresentada e publicada nas Actas do V Congresso Português de Sociologia. O texto foi revisto e alterado.

- Numa ilha de dimensão reduzida e distante face ao exterior existe no sistema sócio-económico uma propensão para a homogeneidade de soluções económicas quanto à estrutura produtiva. O leque de opções de emprego torna-se assim “mais limitado”. Esta limitação nas opções globais não implica uma mais vasta participação em múltiplos papéis, articulados na “vivência insular”, e obriga a uma polivalência funcional assumida no seio de uma comunidade mais integrada.
- Numa ilha de maior dimensão existe uma maior *diversidade* de situações interna para os diferentes grupos etários. O espaço de oportunidade é mais centrado no “local”; tal não implica que, por haver a percepção da necessidade de uma maior especialização e de um maior leque de opções de emprego, não exista a consciência de uma limitação imposta pelo meio. Assim, a idealização do espaço exterior, como realização de metas profissionais, é vista com uma outra orientação: a necessidade de uma maior proximidade do espaço “exterior”.

## O espaço de oportunidade

A conceptualização do que poderemos designar como *espaço de oportunidade* decorre de uma premissa já testada na análise do *modelo migratório* estudado nos anos 80 nos Açores. Este modelo estruturava-se do seguinte modo: em função da percepção do espaço insular enquanto espaço socio-económico, colocámos em evidência a existência de grupos mediáticos e o desenvolvimento de lógicas “eutópicas” de valorização de novos espaços de realização (Lalanda Gonçalves, 1984).

As dinâmicas migratórias no âmbito dos processos socioculturais inserem-se num contexto de identificação face ao exterior e neste quadro formulámos o conceito de *lógica eutópica* (Lalanda Gonçalves, 1986 e 1987). Tendo em conta este modelo, passados mais de vinte anos, procuramos nesta comunicação introduzir a perspectiva da sistémica qualitativa para melhor compreender a dinâmica da emigração/imigração no contexto das regiões insulares.

A hipótese de base então formulada punha em evidência, nos Açores, uma relação estrutural entre as dinâmicas demográficas, sociais, económicas e emigratórias:

- Nas ilhas mais pequenas, uma maior consciência do limite levou à estruturação de um modelo de povoamento onde a emigração causou, desde muito cedo, fortes impactos na estrutura demográfica, traduzida por envelhecimento da população, maior predomínio da actividade

- agrícola, do trabalho familiar, da polivalência de funções, reduzindo a dimensão média dos “povoados”, das famílias, da estrutura empresarial. Fenómenos como o desemprego tendem a ser “estatisticamente” menos relevantes, porém acompanhados por subemprego e por uma dimensão mais relevante da economia tradicional.
- Nas ilhas maiores, onde a diversidade estrutural interna é maior, o impacto da emigração é menor, o habitat é mais diversificado, a lógica da mobilidade interna na ilha mais acentuada, a propensão para a saída, na dinâmica interna, é menos forte, a construção do espaço de oportunidade é mais centrado no espaço da ilha. As estruturas familiares são mais diversas, a especialização funcional torna-se possível, a dimensão empresarial mais diversificada e relevante: os fenómenos como o desemprego são mais marcantes e a taxa de participação feminina na estrutura produtiva mais significativa.

Ao definir estas duas hipóteses não ignoramos que ambos os espaços estão cada vez mais em contacto com o exterior através das novas tecnologias, induzindo novos modelos de *mediatização* na relação interna (inter-ilhas) e com o exterior, nem que a dimensão “isolamento” é uma categoria pertinente na análise de uma especificidade na “relação com o exterior”, mas não implica uma ausência de contactos com esse “exterior” que, na história, designadamente dos Açores, nunca se revelou uma *barreira* ou uma *impossibilidade*, mas uma condicionante no “modelo” deste tipo de relacionamento.

Neste quadro, o sistema sociocultural e identitário e o sistema sócio-económico ganham uma congruência que procuraremos demonstrar através do conceito de *espaço de oportunidade*: probabilidade de encontrar num determinado contexto uma solução para uma problemática socialmente identificada.

Definimos “insularidade” como a “qualidade” deste relacionamento com o exterior, onde a variável distância aliada à barreira natural que é a ilha assume uma relevância socioeconómica (ciclicidade e homogeneidade das soluções económicas locais) mas também sociocultural (lógica eutópica): valorização idealizada do espaço da ilha e do espaço exterior onde se joga, numa tensão por vezes não disfarçada, a lógica subjacente aos processos migratórios que marcam a história recente dos Açores.

## A insularidade

Segundo Fisher “...o espaço continua a ser, com a ideia de tempo, uma das dimensões em relação às quais se estruturam uma sociedade e os grupos humanos.”<sup>2</sup>

Como ponto de partida temos necessariamente um facto de natureza geográfica: a existência de territórios rodeados pelo mar, mais ou menos distantes de um Continente e situados nas diferentes partidas do mundo.

A etimologia da palavra “ilha” proposta por Publio Festo (“insula”= “in”+ “salus”) revela a “natureza” fundamental e instituinte deste “tipo” de espaço natural. Todavia, nas grandes teorias sociológicas ou psicossociológicas, só recentemente o factor espacial (ambiental), ou seja, o sistema de relações entre sociedade e território, começou a ser sistematizado de uma forma global, o que se encontra associado ao desenvolvimento da ecologia designadamente na sua vertente social e económica.

Ardey, no seu livro *O imperativo territorial*, tenta demonstrar em que medida existe no homem um instinto territorial, e como para a existência de um grupo equilibrado é necessária uma base territorial que permita expressar este instinto. Este trabalho e outros que o precederam contribuíram para pôr em evidência a importância das estruturas espaciais na acção humana. É, porém, perigoso utilizar sem mais nem menos o contributo da etologia e aplicá-lo à situação humana (Fisher, *op. sup. cit.*; Alland, 1982: 65 e sq.).

No estudo de sociedades insulares, o sociólogo, o historiador e o economista devem proceder com especiais cautelas de carácter epistemológico e metodológico para evitar “saltos” ou “rupturas” que pela sua gravidade inviabilizem o desenvolvimento de uma sociologia, de uma história ou de uma economia insular.

Assim, no quadro de uma abordagem psicossociológica, podemos relevar os seguintes elementos:

### Fronteira “natural”

“...Os grupos organizados e as sociedades dispõem de um espaço limitado por fronteiras entre as quais desenvolvem a sua acção num “continuum” temporal e espacial onde o espaço aparece caracterizado pela sua plurissemia e logo definido enquanto “lugar”, ou seja, como grandeza significativa.” (Lalanda Gonçalves, 1984:6).

---

2 Gustave-Nicolas Fisher, (1981) *La psychosociologie de l'espace*, Paris, PUF. (Que Sais-Je ? n°1925), p.6 e seguintes. Edição Portuguesa: Gustave-Nicolas Fisher (1994) *A psicologia social do ambiente*. Lisboa, Instituto Piaget:16.

O espaço insular caracteriza-se pelo facto de ser uma estrutura territorial cujos limites se impõem à atenção e à acção humana. O espaço insular define-se por uma extensão naturalmente limitada por “referências” (marcas) definitivas, as fronteiras, que não podem ser alargadas pela acção humana. Determinar em que medida estas “fronteiras naturais” afectam a acção humana é, sem dúvida, um dos primeiros passos na análise da especificidade dos espaços insulares.

### Exiguidade espacial e limites à “atenção”

O espaço insular também se caracteriza pela exiguidade e esta encontra-se directamente ligada à importância e rigidez das fronteiras que implicam uma ruptura comportamental para as ultrapassar.

Este “contexto” de acção humana ou de enraizamento é tanto mais importante quanto A.Moles e E.Rohmer (1972) demonstram que o problema da liberdade humana se coloca também em termos espaciais.

“Se definirmos a liberdade como consciência das restrições (Marx), a noção de campo de liberdade corresponde ao conjunto das acções que o indivíduo pode efectuar sem esbarrar nestas restrições, ou seja, nas forças do meio exterior que este não é capaz de vencer. [...] O espaço apresenta-se então como um sistema de valores repartido de uma forma mais ou menos complexa num campo (campo de liberdade) definido por barreiras mais ou menos rígidas” (Lalanda Gonçalves, 1984:8).

Moles estabeleceu uma tipologia dos diferentes campos e distinguiu três sistemas de liberdade partindo da noção de espaço imaginário de valores, propostos por Lewin, tomando o exemplo de uma cabra pastando numa propriedade rodeada de barreiras. Moles considera primeiramente a ideia de *liberdade principal*: o indivíduo imagina um campo sob a forma de uma superfície mais ou menos vasta fechada por muros que são “rígidos”, percepção-se no centro deste campo e erra para onde quer, sem obstáculos percebidos. A ideia de *liberdade marginal* aparece quando as fronteiras do campo, em vez de serem impenetráveis, são elásticas (o indivíduo, pelo seu esforço, pode fazê-las ceder); finalmente, a ideia de *liberdade intersticial* é a possibilidade deixada a um indivíduo de atingir os seus objectivos através da sua argúcia para escapar entre os interstícios definidos espacialmente.

Estes mecanismos, como afirma Fischer (1981:6 e seg.), estabelecem uma nova imagem da vida social: todo o espaço torna-se um território valorizado pelo “domínio” que os indivíduos exercem sobre ele. As modalidades de apreensão do espaço podem então ser interpretadas como indicadores na análise psicossociológica: os comportamentos e processos sociais não são mais

estudados como produto de estruturas constituídas em factor determinante das relações, mas como práticas associadas à forma desta matriz, no interior da qual a experiência se organiza como ponto de encontro e suporte da vivência (Fischer (1981:6 e seg.).

É neste *contexto* que os indivíduos e os grupos agem em condições particulares de enraizamento e constroem *espaços de oportunidade*, ou seja, procuram atingir os seus objectivos entre os interstícios impostos pelo espaço e pelas estruturas sociais que os condicionam.

Assim, torna-se relevante o conceito de que um território *insular* se caracteriza por um espaço onde os limites se impõem à atenção. Este transforma-se assim num “contorno” no sentido de *gestalt*. E este contorno é *relevante* para a definição do contexto de acção e de análise.

Nesta óptica, a ilha é um território específico cujas fronteiras naturais se tornam, por apropriação colectiva, fronteiras, e o “insular” (“homem de fronteira”) distingue-se do homem da fronteira terrestre, mais do que pelo “limite” que a fronteira traça, pela natureza da constrição que este limite impõe.

A. Moles considera o indivíduo envolto em oito envelopes ou conchas cuja intensidade diminui do centro para o exterior. Assim, a estrutura ambiental insular implica uma ruptura entre os diferentes envelopes dado que esta acentua os limites que definem o território interior e o espaço exterior.

O espaço insular definido pelo isolamento aquático caracteriza primariamente um campo de liberdade principal, onde a liberdade marginal só é atingível pela adopção de rupturas comportamentais, como a de tomar o avião ou o barco.

A. Moles afirma que “uma ilha não pode ser grande, senão perde o seu carácter insular, o sentimento de ‘fecho do seu contorno’ escapa à continuidade do campo de consciência dos seus habitantes e, correlativamente, a frequência do seu *rappel* recua no fluxo e refluxo deste mesmo campo de consciência” (Moles, 1982: 52). Para A. Moles a ilha ideal “é aquela onde se pode fazer a sua volta num dia, aquela onde num espaço de um dia podemos reencontrar o ponto de partida, dado que o ‘controlo’ do contorno é uma das características essenciais que nos propõe a teoria da forma” (Moles, 1982: 52).

Mas neste quadro territorial, específico, através de contactos mediáticos com o exterior, assiste-se à construção de um novo espaço social diferenciado no qual o indivíduo age e se motiva.

É neste quadro que devemos analisar a problemática das migrações e da mobilidade social em meio insular, visando responder à questão básica: *qual a relação entre a diferenciação estrutural insular e os tipos de mobilidade (migrações) gerados nas diferentes ilhas do arquipélago dos Açores?*

## Insularidade: desigualdade e/ou diversidade

Lucien Febvre, no seu livro *La terre et l'évolution humaine* (1970), diante da diversidade insular afirma que “se procurássemos uma necessidade, uma lei das ilhas pesando sobre os homens, sobre as sociedades humanas, só encontraríamos variedade e diversidade”, concluindo que o que conta “é a ideia que os povos, os grupos políticos, pequenos ou grandes, fazem da sua situação geográfica e das suas vantagens e inconvenientes” (Febvre, 1970: 245).

Ora, sem querer reduzir a dimensão insular a uma simples “ideia”, torna-se necessário decompor este objecto de análise tendo por objectivo reconstruí-lo sociologicamente.

Como ponto de partida colocamos a questão do espaço de oportunidade nos parâmetros da nossa análise como o resultado socialmente percebido da relação entre o espaço insular vivido (diverso) e as aspirações julgadas impossíveis de realizar localmente.

Assim, procuramos partir, numa primeira etapa, dos elementos objectivos que permitem analisar o espaço insular enquanto estrutura objectivável.

### Componentes do território “insular”

As suas componentes fundamentais, variáveis, são, sem dúvida:

- a superfície;
- a orografia;
- a distância ao continente mais próximo;
- a distância à ilha mais próxima e que define um outro conceito, o de arquipélago.

Nesta perspectiva, a “ilha” enquanto território não é apenas definida pela natureza dos seus limites e pela sua maior ou menor superfície. A situação geográfica caracterizada por um sistema de coordenadas geográficas (latitude e longitude) assume também uma relevância particular e não apenas no campo da história: ela implica uma distância em relação ao exterior, e pelos princípios gerais da percepção constatamos que “a distância organiza o campo topológico, determinando, por exemplo, um tipo de percepção” (Moles, 1982: 59).

Os trabalhos de A. Moles e de Hall (Moles, 1972,1982; Hall, 1983) mostraram que fundamentalmente o que está próximo é mais importante do que o que está longe; é em função desta *proxemia* que se estabelece a densidade das imagens, a importância dos acontecimentos, dos seres e das coisas, que diminui à medida que na sua percepção se interpõe o efeito da distância.

A distância ao continente mais próximo é significativa não apenas pelo facto de o espaço, enquanto produto humano, ser vector de significações, mas também porque esta distância influi na natureza dos contactos com o exterior. Com efeito, a distância influi quanto à importância dos acontecimentos e também nos mecanismos de idealização destes outros “espaços”, porque não implica ausência de relação.

#### Ensaio de sistematização do conceito “insularidade”

A. Moles coloca uma questão semelhante e responde que se torna necessário uma fenomenologia abstracta que proporia três dimensões do universo das ilhas, cuidadosamente expressas segundo os princípios da percepção, pelo logaritmo de uma grandeza física: superfície da ilha, distância ao continente e quantidade de variedade (Moles, 1982: 54-55).

Se considerarmos este diagrama ideal da insularidade no tocante à superfície e à distância e o aplicarmos a algumas ilhas europeias, concluímos que os Açores são, na sua globalidade, uma das regiões insulares com o maior índice de insularidade (Lalanda Gonçalves, 1984).

Este coeficiente de insularidade é apenas uma primeira abordagem da realidade insular e foi-nos sugerido pela leitura de um artigo de G. Bernardi (1961) onde o autor afirma existir correlação entre a riqueza em espécies botânicas e a proximidade do litoral, mesmo quando a superfície da ilha é reduzida.

#### Diversidade territorial (o caso dos Açores)

Esta perspectiva analítica encontra, no caso dos Açores, toda a sua pertinência. Enquanto conjunto disperso de nove sistemas sociais, o arquipélago dos Açores manifesta processos diferenciados de estruturação social, económica e cultural.

#### Território e orografia

Como primeiro factor de diferenciação encontramos a dimensão territorial e a orografia das ilhas (Tabela 1).

Tabela 1 – Dimensão Territorial e Orografia das Ilhas

Ilha	Área	Orografia		
		< 300 m %	300/800 m %	>800 m %
S. Miguel	746,76	52.7	44.9	2.4
Santa Maria	97,18	86.4	13.6	0
Terceira	402,17	55.6	42.5	1.9
Graciosa	61,17	94.3	5.7	0
São Jorge	245,76	30.1	66.2	3.7
Pico	447,74	41.2	42.4	16.4
Faial	173,11	53.5	41.1	5.4
Flores	141,7	32.5	66.4	1.1
Corvo	17,12	45.1	54.9	0

Fonte: INE

Verifica-se que o arquipélago dos Açores é constituído por uma grande diversidade de situações geográficas, diferenciando-se do conjunto a ilha do Pico por ser a mais montanhosa.

#### Distância interna e face ao exterior

As ilhas distam vários quilómetros uma das outras, definindo um espaço topológico global de grande extensão. Esta superfície é definida pelo conjunto das distâncias inter-ilhas e pela distância em relação ao Continente.

Partindo da estrutura topológica definida anteriormente, podemos proceder a um ensaio de quantificação da insularidade de cada uma das ilhas do arquipélago dos Açores.

Consideremos o grau de insularidade absoluta pela fórmula:

$$I_a = \frac{\text{Log. da distância média às outras ilhas}}{\text{Log. da superfície}} \times \text{Log. da distância ao continente}$$

E o grau de insularidade pela fórmula:

$$I_r = \frac{1}{\text{Log. da superfície}} \times \text{Log. da distância ao continente}$$

Verifica-se assim que as ilhas com maior grau de insularidade são o Corvo, a Graciosa e Santa Maria. (cf. Tabela 2)

Tabela 2 – Grau de Insularidade das Ilhas

ILHA	Log. da área	1/ Log. da área	Log. da dist. Média inter-ilhas	Log. dist. Cont.	$I_a = (\text{Log. da dist. média int. ilhas} / \text{Log. da área}) * \text{Log dist. Cont}$	$I_r = 1 / \log \text{ área} * \log \text{ dist. continente}$
Corvo	1,2	0,8	2,3	3,3	2,4	2,8
S. Maria	2	0,5	2,6	3,2	1,6	1,6
Graciosa	1,8	0,6	2,3	3,2	1,9	1,8
Faial	2,2	0,5	2,2	3,2	1,6	1,5
Terceira	2,6	0,4	2,3	3,2	1,6	1,2
S. Jorge	2,4	0,4	2,2	3,2	1,3	1,3
Flores	2,2	0,5	2,5	3,3	1,2	1,5
S. Miguel	2,9	0,3	2,5	3,2	0,9	1,1
Pico	2,6	0,4	2,2	3,2	1,3	1,2

Estando definida a base topológica podemos passar ao segundo nível de análise em profundidade que referi anteriormente. Com efeito, a estrutura ambiental açoriana, para além das propriedades formais da sua estrutura topológica, oferece condições específicas de habitabilidade e assim também condiciona os resultados da acção humana.

Mas esta estrutura objectiva, quantificada, não tem significado se não se procurar estabelecer uma relação entre esta e outras variáveis no domínio da estrutura insular produzida e vivida pelas populações que as habitam.

É este processo de enraizamento contextualizado de uma sociedade pela criação de estruturas espaciais que faz do espaço não apenas uma dimensão analítica mas também um produto social.

#### A diversidade estrutural socio-demográfica

A problemática do *espaço de oportunidade* em meio insular resulta da relação entre a própria dimensão e estrutura socio-demográfica das diferentes ilhas e a sua correlação com estruturas socioeconómicas.

Sem querer desenvolver um modelo determinista na relação entre as variáveis de natureza estrutural, no quadro das diferentes ilhas podemos descobrir as seguintes *regularidades* na relação dimensão espacial e algumas variáveis demográficas:

- Quanto maior a dimensão (habitável) da ilha, maior a densidade populacional

A população açoriana concentra-se nas ilhas de S.Miguel e Terceira e no contexto da relação população/superfície (densidade) existe uma relação entre maior densidade e maior superfície da ilha (excepção para a ilha do Pico).

Tabela 3 – Densidade Populacional, 1991 e 2005

Ilhas	1991	2005
S. Maria	60.9	50,7
S. Miguel	168.6	<b>177,6</b>
Terceira	138.5	138.9
Graciosa	84.8	79,3
S. Jorge	41.6	39,1
Pico	34.0	33,2
Faial	86.4	<b>88,7</b>
Flores	30.6	28,5
Corvo	23.0	26,9
<b>Total</b>	<b>101.9</b>	<b>104,3</b>

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População 1991 e 2001

- Quanto maior a dimensão da ilha, maior a diversidade de “habitats”

Em cada ilha a população Açoriana concentra-se em agregados populacionais de pequena dimensão (entre 500 a 4000 habitantes), situados na orla costeira que define o próprio limite das ilhas. Tal facto mostra bem que a superfície não influi somente sobre a densidade mas tem um efeito sobre a estrutura do habitat .

Tabela 4 – Lugares censitários por município, segundo os escalões de dimensão populacional, 2001

	Escalões de dimensão populacional														
	Isolados		até 1 999 habitantes		com 2 000 ou mais habitantes										
			População residente	Total	Total		de 2 000 a 4 999		de 5 000 a 9 999		de 10 000 a 99 999		com 100 000 ou mais		
População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total	População residente	Total
R. A. Açores	2713	414	124838	24	114212	18	57462	4	26536	2	30214	0	0	0	0
Santa Maria	29	59	5549	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Miguel	867	69	41779	18	88963	13	42434	4	26536	1	19993	0	0	0	0
Terceira	1055	60	33988	5	20790	4	10569	0	0	1	10221	0	0	0	0
Graciosa	51	27	4729	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Jorge	167	58	9507	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pico	170	70	14636	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Faial	306	52	10298	1	4459	1	4459	0	0	0	0	0	0	0	0
Flores	68	18	3927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Corvo	0	1	425	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: INE, Recenseamento da População 2001

- Quanto maior a dimensão da ilha, menor o impacto dos fenómenos emigratórios na estrutura demográfica

A evolução e a alteração da estrutura populacional das diferentes ilhas são influenciadas pela relação entre a taxa de crescimento natural e a emigração. Porém, de novo, podemos considerar que nas ilhas de menor dimensão populacional o impacto na estrutura demográfica do fenómeno emigratório acentua-se sem que isto signifique que em volume global não seja nas ilhas mais densamente povoadas que a expressão do fenómeno seja de maior amplitude global. O impacto do fenómeno emigratório torna-se bem visível se atendermos aos índices resumo: Índice de envelhecimento (IE, cf. Tabela 5) e Rácios de Dependência (RDJ, RDV e RDT, cf. Tabelas 6 a 8).

Tabela 5 – Índice de Envelhecimento

Índice de Envelhecimento		Anos			
Ilha	Concelho	1995		2005	
		H	M	H	M
Ilha de Santa Maria	Vila do Porto	38,4	60,0	51,6	82,8
Ilha de São Miguel	Lagoa	27,8	41,5	32,8	48,4
	Nordeste	72,0	104,2	71,8	118,7
	Ponta Delgada	31,1	49,2	35,1	62,6
	Povoação	50,8	72,8	57,0	82,9
	Ribeira Grande	24,9	38,2	25,9	42,9
	Vila Franca do Campo	31,1	49,2	39,3	61,5
Ilha Terceira	Angra do Heroísmo	48,8	76,2	60,4	93,5
	Vila da Praia da Vitória	47,7	63,3	57,2	84,5
Ilha da Graciosa	Santa Cruz da Graciosa	85,8	134,2	102,6	161,4
Ilha de São Jorge	Calheta	77,6	76,7	114,9	133,7
	Velas	63,4	98,5	87,1	127,8
Ilha do Pico	Lajes do Pico	110,8	134,3	124,3	161,8
	Madalena	95,5	115,8	112,7	154,2
	São Roque do Pico	88,9	121,6	110,1	161,4
Ilha do Faial	Horta	61,1	95,3	68,0	108,3
Ilha das Flores	Lajes das Flores	84,9	130,8	95,7	192,1
	Santa Cruz das Flores	77,1	97,0	104,9	119,2
Ilha do Corvo	Corvo	178,3	216,0	179,2	204,8

Fonte: SREA, Tabela elaborada em [http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista\\_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang\\_id=1](http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang_id=1) consultado a 25 Abril de 2008

De facto, nos concelhos mais periféricos das ilhas com maior dimensão o índice de envelhecimento é maior, o que pressupõe uma “lógica” comum definida em contextos similares.

O mesmo se constata quando se analisa o índice de dependência dos jovens, o índice de dependência dos idosos e o índice de dependência total. (cf. Tabelas 6, 7 e 8).

**Tabela 6** – Índice de Dependência dos Jovens

Índice de Dependência dos Jovens		Anos			
		1995		2005	
		H	M	H	M
Ilha de Santa Maria	Vila do Porto	37,4	35,0	27,4	25,9
Ilha de São Miguel	Lagoa	44,7	41,2	33,1	33,1
	Nordeste	32,9	31,5	28,8	27,2
	Ponta Delgada	39,8	37,6	31,1	28,9
	Povoação	36,9	36,8	28,6	29,5
	Ribeira Grande	52,1	50,1	39,1	37,9
	Vila Franca do Campo	42,8	41,2	32,5	31,9
Ilha Terceira	Angra do Heroísmo	34,7	34,1	26,4	26,4
	Vila da Praia da Vitória	35,5	33,5	27,2	26,2
Ilha da Graciosa	Santa Cruz da Graciosa	32,1	29,9	24,9	23,1
Ilha de São Jorge	Calheta	31,5	34,4	22,8	21,3
	Velas	32,3	29,6	24,4	23,0
Ilha do Pico	Lajes do Pico	26,3	25,3	20,8	21,2
	Madalena	28,4	29,1	21,4	22,3
	São Roque do Pico	34,5	29,3	20,2	20,9
Ilha do Faial	Horta	30,9	30,4	24,9	24,0
Ilha das Flores	Lajes das Flores	26,3	27,6	22,2	18,4
	Santa Cruz das Flores	33,0	34,1	20,8	23,7
Ilha do Corvo	Corvo	17,6	21,4	13,0	14,4

Fonte: SREA, Tabela elaborada em [http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista\\_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang\\_id=1](http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang_id=1) consultado a 25 de Abril de 2008

Tabela 7 – Índice de Dependência dos Idosos

Índice de Dependência dos Idosos		Anos			
		1995		2005	
		H	M	H	M
Ilha de Santa Maria	Vila do Porto	14,3	21,0	14,1	21,4
Ilha de São Miguel	Lagoa	12,4	17,1	10,9	16,0
	Nordeste	23,7	32,8	20,7	32,3
	Ponta Delgada	12,4	18,5	10,9	18,1
	Povoação	18,8	26,8	16,3	24,4
	Ribeira Grande	13,0	19,2	10,1	16,3
	Vila Franca do Campo	13,3	20,3	12,8	19,6
Ilha Terceira	Angra do Heroísmo	16,9	26,0	15,9	24,7
	Vila da Praia da Vitória	17,0	21,2	15,6	22,1
Ilha da Graciosa	Santa Cruz da Graciosa	27,5	40,1	25,5	37,2
Ilha de São Jorge	Calheta	24,5	26,4	26,2	28,4
	Velas	20,5	29,2	21,3	29,3
Ilha do Pico	Lajes do Pico	29,1	34,0	25,9	34,4
	Madalena	27,1	33,6	24,1	34,3
	São Roque do Pico	30,7	35,6	22,2	33,7
Ilha do Faial	Horta	18,9	29,0	16,9	26,0
Ilha das Flores	Lajes das Flores	22,3	36,1	21,3	35,3
	Santa Cruz das Flores	25,4	33,1	21,9	28,2
Ilha do Corvo	Corvo	31,3	46,2	23,4	29,5

Fonte: SREA, Tabela elaborada in [http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista\\_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang\\_id=1](http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang_id=1) consultado a 25 de Abril de 2008

Tabela 8 – Índice de Dependência Total

Índice de Dependência Total		Anos			
		1995		2005	
		H	M	H	M
Ilha de Santa Maria	Vila do Porto	51,8	56,0	41,5	47,3
Ilha de São Miguel	Lagoa	57,1	58,4	44,0	49,2
	Nordeste	56,6	64,2	49,5	59,6
	Ponta Delgada	52,2	56,1	42,1	47,1
	Povoação	55,7	63,6	44,9	53,9
	Ribeira Grande	65,1	69,3	49,3	54,1
	Vila Franca do Campo	56,0	61,5	45,3	51,5
Ilha Terceira	Angra do Heroísmo	51,6	60,0	42,3	51,0
	Vila da Praia da Vitória	52,5	54,8	42,8	48,3
Ilha da Graciosa	Santa Cruz da Graciosa	59,6	70,0	50,4	60,3
Ilha de São Jorge	Calheta	56,0	60,8	49,1	49,7
	Velas	52,8	58,8	45,8	52,3
Ilha do Pico	Lajes do Pico	55,4	59,3	46,7	55,6
	Madalena	55,4	62,7	45,5	56,6
	São Roque do Pico	65,2	64,9	42,4	54,6
Ilha do Faial	Horta	49,9	59,3	41,9	49,9
Ilha das Flores	Lajes das Flores	48,7	63,7	43,5	53,7
	Santa Cruz das Flores	58,4	67,2	42,7	51,9
Ilha do Corvo	Corvo	48,9	67,5	36,4	43,8

Fonte SREA, Tabela elaborada in [http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista\\_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang\\_id=1](http://estatistica.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=29&idsc=1140&lang_id=1) consulta em 25 de Abril de 2008

- Quanto mais densamente povoada é a ilha, maior o espaço familiar  
De facto, a dimensão média familiar é mais elevada nas ilhas mais densamente povoadas, o que, apesar da diversidade interna ser maior, se repercute entre, outros factores, na maior sobrelotação do parque habitacional.
- Quanto mais densamente povoada é a ilha, maior pressão sobre as condições sociais da habitação

Assim, o rácio população/alojamento é mais elevado na Terceira e em São Miguel (3,3 e 2,8, respectivamente) e mais reduzido em ilhas de menor

dimensão, como São Jorge ou Graciosa (2,2 e 1,9 respectivamente) (Rocha e Medeiros, 1994: 28).

Em resumo, na relação espacial verificamos nas ilhas de maior dimensão uma densidade mais elevada, tanto nos espaços familiares, como uma maior variedade de tipos de habitat. Ora estes dois factores influenciam, em certa medida, a estrutura socioeconómica.

Neste quadro, é necessário introduzir a diversidade manifesta no conjunto dos indicadores sócio-demográficos, cuja lógica necessita de uma abordagem de carácter micro-sociológico.

### Estruturas socioeconómicas

A estrutura sócio-económica dos Açores é diversa, sendo o grau de diversidade interna de cada ilha proporcional à densidade que, como vimos, se encontra associada a um “potencial” populacional maior nas ilhas de maior dimensão.

Assim, podemos constatar as seguintes regularidades:

- A taxa de actividade é mais elevada nas ilhas mais pequenas ou mais envelhecidas.
- A taxa de participação feminina é mais acentuada nas ilhas de maior dimensão ou mais densamente povoadas.
- A terciarização da economia é mais acentuada nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão.
- As empresas concentram-se nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão: São Miguel possui 53,7 % e a Terceira 22,5% das empresas da Região Autónoma.
- As estruturas empresariais de maior dimensão encontram-se nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão <sup>3</sup>.
- O número de pessoas ao serviço nas empresas manifesta uma concentração mais do que proporcional nas ilhas de maior dimensão e mais densamente povoadas <sup>4</sup>.
- As empresas de maior dimensão situam-se nas actividades financeiras, indústria transformadora, electricidade, e as de menor dimensão na agricultura, no comércio e nos serviços colectivos <sup>5</sup>.

---

3 O.E.F.P dos Açores. Estrutura Empresarial, 1997.

4 O.E.F.P dos Açores. Estrutura Empresarial, 1997.

5 O.E.F.P dos Açores. Estrutura Empresarial, 1997.

## Habilitações literárias e qualificações

De uma forma geral os trabalhadores por conta de outrem (TCO) têm como habilitações literárias dominantes o 1º ciclo do ensino básico; porém, a percentagem relativa mais elevada, verifica-se na agricultura, nas pescas, e na indústria extractiva e na construção<sup>6</sup>.

As qualificações mais elevadas encontram-se nas actividades económicas situadas nas ilhas mais densamente povoadas, designadamente o sector da electricidade e o dos serviços financeiros<sup>7</sup>.

Embora os níveis gerais de qualificação profissional ainda sejam baixos, verificamos que nas actividades económicas ligadas à electricidade, gás e água e aos serviços financeiros onde o nível de qualificação da mão-de-obra é mais elevado. É marcante a sua diferenciação em relação a actividades “menos qualificadas” como a agricultura, as pescas, e as actividades imobiliárias.

Esta segmentação verificada nos TCO é congruente com o nível de habilitações literárias anteriormente analisadas.

Assim, no que concerne à distribuição espacial das actividades económicas verifica-se que:

- As actividades económicas com estruturas empresariais de maior dimensão situam-se nas ilhas mais densamente povoadas e possuem os níveis de qualificação mais elevados.
- As ilhas de maior dimensão produzem uma segmentação por actividade mais visível, o que nos conduz a afirmar que existe uma maior *diversidade económica*.

## Remuneração e dimensão empresarial

Nas ilhas mais densamente povoadas observamos uma maior “diversidade económica”. Nestas ilhas estão sediadas as empresas de maior dimensão e onde as remunerações médias mensais são mais elevadas.

Existe, porém, uma grande diversidade no que concerne às empresas de dimensão intermédia, onde a diferenciação salarial é mais acentuada segundo o tipo de actividade.

Se analisarmos mais em detalhe as remunerações médias observamos que:

- nas actividades financeiras, electricidade, gás, água, transportes e comunicações, a remuneração média é mais elevada, o que, face à

---

6 O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal, 1997.

7 O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal, 1997.

dimensão empresarial nestas actividades, explica o comportamento global destas duas variáveis.

- na pesca, ao invés, a remuneração média mais elevada é conseguida em empresas de pequena dimensão.

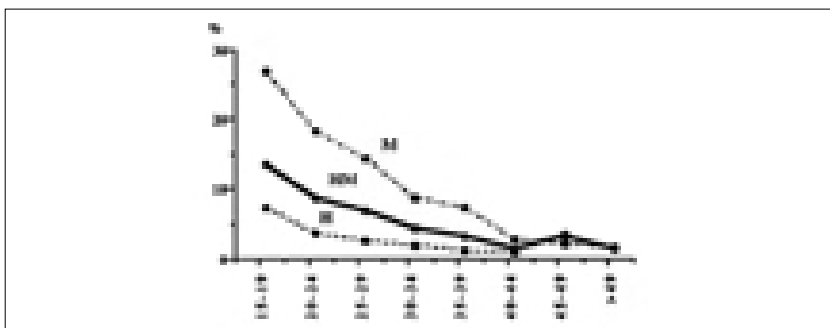
### Desemprego e dimensão insular

Ao analisarmos a capacidade de criação de emprego, nas diferentes ilhas, verificamos o seguinte:

As ilhas mais densamente povoadas, possuindo estruturas económicas mais diversas, têm uma maior capacidade de gerar emprego. Todavia, é também nestas ilhas, designadamente em São Miguel, que o fenómeno do desemprego (em volume) é o mais significativo da Região Autónoma.

- As ilhas mais pequenas, com soluções económicas mais homogéneas (agricultura/serviços), possuem uma menor capacidade de gerar emprego. Porém, se as taxas de desemprego são menores (em média), é também nestas ilhas que a amplitude de variação é mais elevada<sup>8</sup>.
- A variabilidade do desemprego nas ilhas com menos população está directamente ligada ao tipo de relação existente entre as “estruturas demográficas” e as estruturas económicas segundo a dimensão das ilhas. Estas afectam diferencialmente as várias estruturas etárias e a população segundo o sexo. O desemprego concentra-se, assim, com maior amplitude nos jovens e nas mulheres, ou seja, nos tipos de população que se encontram em fase de “entrada” no mundo do trabalho<sup>9</sup>.

Fig. 1 – Taxa de Desemprego, por faixas etárias, segundo o sexo



Fonte: Rocha e Medeiros, 1995

8 Gilberta Rocha e Octávio Medeiros, *Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores*. Ponta Delgada, 1994 (policopiado), p.28

9 Gilberta Rocha e Octávio Medeiros, *Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações*. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos, 1995.

- O desemprego afecta sobretudo as mulheres jovens em todas as ilhas onde a percentagem de população activa no sector primário é mais elevada<sup>10</sup>.
- A situação de desemprego é sobretudo caracterizada por jovens masculinos que já trabalharam e por jovens femininos em busca de 1º emprego. A duração do desemprego é, predominantemente, inferior a 6 meses<sup>11</sup>.

Assim, em conclusão, podemos inferir que:

- o “espaço de oportunidade” pode ser definido como a *probabilidade de encontrar uma solução para uma problemática socialmente identificada num determinado contexto*.
- Esta probabilidade está correlacionada com a “diversidade de opções” nos contextos existentes no meio insular.
- A “diversidade de opções” está correlacionada com a insularidade, definida como uma limitação à diversidade social e económica, como se pode verificar pela relação existente entre as variáveis densidade populacional, dimensão empresarial, níveis de qualificação e diversidade de actividades económicas<sup>12</sup>.

## Emigração /Imigração

O modelo de emigração (1960/1981) caracteriza-se pelo facto de nas ilhas mais pequenas a intensidade e a variabilidade do fenómeno serem muito acentuadas enquanto nas ilhas maiores esta variabilidade ser menor mantendo-se todavia uma permanente intensidade do fenómeno.

Ao considerarmos como indicador o n.º de emigrantes/superfície das diferentes ilhas, verificamos que é nas ilhas maiores e mais densamente povoadas que há as taxas mais elevadas de emigração (1974-2004). A imigração, embora se concentre nas ilhas mais densamente povoadas, tem um forte impacto nas mais pequenas.

### *Contextos insulares e migrações*

O modelo de análise da mobilidade social e geográfica, agora proposto, permite analisar as dinâmicas internas (mobilidade social e geográfica) e as

---

10 *Idem, ibidem.*

11 Gilberta Rocha e Octávio Medeiros, *Diagnóstico sócio-económico [...]*.

12 Não confundir com o conceito do INE de “índice de diversificação social” (cf. Censos 2001).

dinâmicas de relação com o exterior (emigração/imigração) a partir de uma importante dimensão: a definição do contexto pertinente para os actores sociais no quadro do sistema social.

### Os contextos pertinentes e contextualização

Ao adoptar uma abordagem sistémica qualitativa numa perspectiva comunicacional<sup>13</sup> consideramos a “insularidade” no contexto do sistema englobante da acção concreta dos diferentes actores sociais.

Com efeito, não estamos a afirmar um determinismo mas a “construir” a situação numa perspectiva ideal-típica e a procurar, nos diferentes níveis de análise, a pertinência que permite compreender a “lógica” inerente à mobilidade em contextos insulares.

Não se trata de romper com as “macro-variáveis” de explicação global mas de “situar” os contextos da “decisão” num determinado contexto sócio-cultural. Ora, não é irrelevante situarmos num contexto de freguesia, concelho ou ilha, como também não é indiferente a perspectiva analítica. Assim, retomando os elementos do sistema analítico que adoptamos, iremos reter a relação que procuramos estabelecer entre *espaço de oportunidade* e a *insularidade*.

### O sistema englobante

A relação entre espaço de oportunidade e insularidade encontra a sua significação nos diferentes espaços insulares (ilhas). No quadro do arquipélago dos Açores esta situação pode ser caracterizada pela dinâmica dos processos emigratórios por ilha, ao longo do último século, tendo em conta dentro do quadro de cada ilha as freguesias e os contextos migratórios. Tendo por base um estudo realizado há já alguns anos na freguesia da Ribeira Quente, explicitemos o quadro teórico e metodológico desta abordagem sistémica.

Fig. 2 – 1º Enquadramento

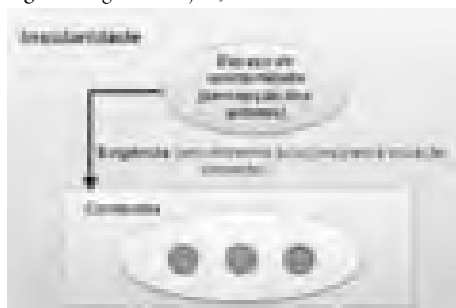


13 Mucchielli, Alex. *Approche par la modélisation des relations*. Paris, A. Colin, 2004

## Os contextos específicos

A relação dos indivíduos no quadro de um contexto específico pode ser vivida como *problemática*. As relações com os grupos, família, emprego, etc. vão constituir neste contexto “um problema” que exige solução. Na freguesia da Ribeira Quente, os baixos rendimentos da pesca, a dificuldade de acesso a bens

Fig. 3 – Exigência e Injunção



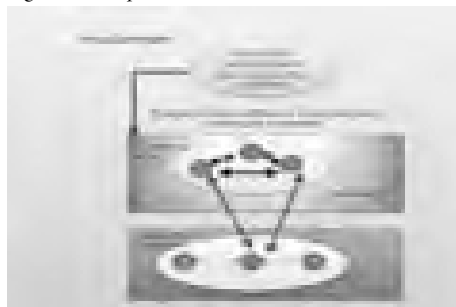
de consumo e aos serviços eram permanentemente enfatizados como “problemas” sem solução na freguesia.

A “solução” para estes problemas funciona como *imperativa* e neste contexto não podemos falar de simples motivações psicológicas. Os actores agem num quadro de um sistema onde as comuni-

cações entre eles são significativas. Com efeito, a estratégia dos actores neste contexto concentra-se na problemática vivida na busca de uma “saída” para a situação na qual se sentem *prisioneiros*.

Ora, neste sistema, a “mobilidade espacial” percebida constitui, no campo das representações sociais, uma “solução”. Esta solução insere-se na

Fig. 4 – 2º Enquadramento



história da emigração local, que produz um novo quadro de análise. De facto, quem emigrou entra no espaço relacional da própria freguesia através de um sistema de relações e de comunicações.

Esta relação, mediada através de um sistema de relações “inter-contextualizado”, dá um novo significado ao processo e à

lógica migratória. A articulação destes dois contextos interfere na pertinência do primeiro contexto (enquadramento). Temos de alargar o quadro relacional para melhor compreender a lógica dos actores. Foi isso o que fizemos. A escolha dos materiais (cartas, fotografias, visitas e diálogos com os emigrantes) mostra à saciedade os elementos nos quais assentam as comunicações “típicas” (o trabalho, o acesso a bens de consumo, a escolaridade dos filhos, etc.).

Na freguesia da Ribeira Quente, esta lógica comunicacional estrutura-se em dois pólos: um de sentido “desvalorizador” do espaço local (ênfase às

*barreiras* locais), e um de idealização do espaço de possível emigração (ênfase nos aspectos positivos de viver fora do contexto da freguesia).

(Aproveitamos para enfatizar a importância do estudo deste “interface” comunicacional numa pesquisa mais alargada que deve necessariamente incluir os meios de comunicação da “diáspora”. Com efeito, temos a impressão de que as lógicas de comunicação hoje se “diversificaram” tanto no contexto das relações interpessoais como no quadro da mediação intergrupala e na comunicação de massas. Contudo, esta análise permitiria melhor situar a problemática actual das migrações.)

Chamamos, então, *eutópica* à lógica das comunicações no contexto deste sistema de relações (freguesia / comunidades emigradas), dada a sua recorrência nas comunicações. Não podemos porém cair no simplismo de considerar que “todas” as comunicações, em todos os contextos, seguem esta lógica. Com efeito, a desvalorização do espaço local surge em contextos específicos de relação, ou seja, quando se equaciona e questiona a possibilidade de emigrar. Noutros quadros e contextos, a valorização dos aspectos positivos do “local” surge e não parece contraditória com a lógica anteriormente enunciada.

### Regularidades e recorrências

Quando adoptamos esta perspectiva comunicacional do processo emigratório no contexto da freguesia da Ribeira Quente verificamos um importante conjunto de discursos recorrentes dos diferentes actores. Num contexto mais alargado, esta mesma lógica manifesta-se no discurso político autárquico e regional.

Com efeito, a acentuação dos elementos constitutivos da “vivência” insular é significativa na lógica comportamental dos agentes económicos e sociais. Esta linguagem/ discurso sobre a realidade é, também ela, construtora de uma realidade. A sua recorrência mostra o “problema” e este socialmente é vivido e formador de significados culturais.

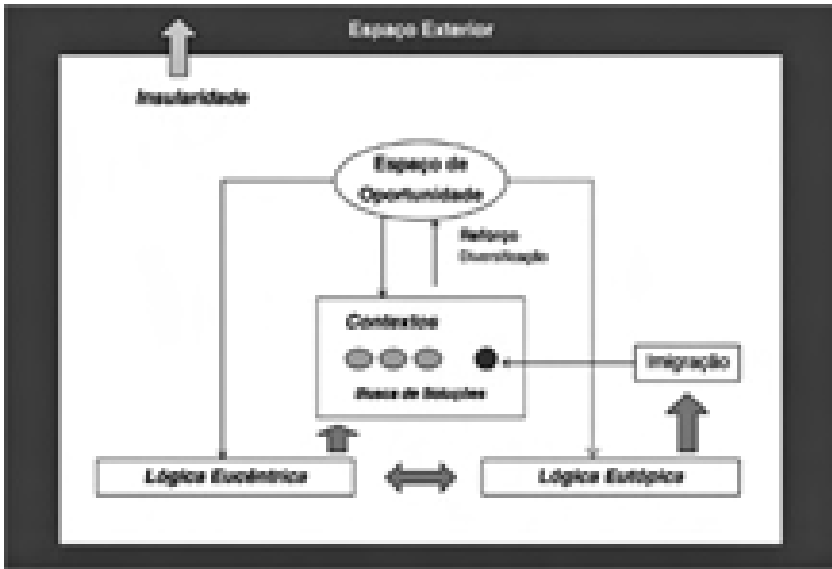
Sem ainda entrar numa lógica recorrente de interacção de actores sociais (jogo), a compreensão do “discurso” sobre a realidade exige alargar, nesta fase, o quadro de observação.

### A lógica da mobilidade e sentido global do sistema

A lógica da mobilidade global do sistema pode ser inferida a partir de um modelo composto que procura definir os elementos fundamentais que estão na base dos processos de mobilidade.



Fig. 6 – Lógica Eucéntrica



## Conclusão

O modelo agora apresentado carece de uma maior confirmação empírica. De facto, a abordagem comunicacional das migrações é uma área que necessita de uma lógica integrada de análise para afirmar os seus “princípios” no quadro da sistémica qualitativa.

Contudo, em termos provisórios podemos afirmar que existe uma clara influência da percepção do espaço insular no “discurso” dos agentes sociais. A afirmação do conceito de “ultraperiferia” no contexto europeu é disso uma prova. A consciência das limitações e constrições da insularidade manifesta-se, de forma mais do que evidente, no texto do próprio Tratado da União Europeia.

No quadro do arquipélago, a consciência das disparidades intra-regionais leva os responsáveis à elaboração de programáticas ligadas à coesão regional e a um discurso tendencialmente uniforme, como se o “contexto” formatasse as opções discursivas sobre o próprio território. Também no próprio contexto de ilha o “discurso” autárquico dos concelhos mais periféricos reforça a ideia de uma “problemática” espacial traduzida num conjunto de significados cuja pertinência é diferencial nos diferentes contextos da sua formulação.

Em última análise encontramos a problemática da identidade subjacente às lógicas e discursos sobre o território. Os elementos de significação ganham, assim, nos “contextos” sociais a sua pertinência, o que nem sempre é, de imediato, reconhecido pelos investigadores.

Com este contributo procuramos abrir uma perspectiva diferente de análise dos movimentos migratórios com especial ênfase na problemática emigratória. Todavia, o mesmo modelo pode ser aplicado aos contextos da imigração (dimensões cognitivas, afectivas, e racionais de escolha do espaço de imigração), cujo impacto parece, neste quadro, ser muito mais intenso nos espaços mais “contraídos”, ou seja, nas ilhas de pequena dimensão.

Esta será certamente uma temática a abordar em próximas pesquisas, que, tendo por base este modelo, permitam “ler” e compreender a inserção dos imigrantes neste espaço. Numa primeira análise tal facto parece reforçar o sentido de “permanência” e as lógicas identitárias “eucêntricas”, mas isso ficará para um outro estudo ...

## Referências Bibliográficas

- Alland, Alexander (1982), *O imperativo humano*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Bernardi, G. (1961), “Biogéographie et spéciation des lépidoptères rhopalocères des îles Méditerranéennes”, in Actes du colloque international *Le peuplement des îles méditerranéennes et le problème de l'insularité*. Bayuls-sur-mer, 21-27 de Septembre 1959, Editions du CNRS.
- Febvre, Lucien (1970), *La terre et l'évolution de l'homme*. Paris: Albin Michel.
- Fischer, Gustave-Nicolas (1994), *A psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hall, Edward T (1983), *Au-delà de la culture*. Paris: Seuil.
- Lalanda-Gonçalves, Rolando (1987), “Contextos de enraizamento e processos de identificação colectiva”, in *Arquipélago*. Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Sociais nº 2, 131-165.
- Lalanda-Gonçalves, Rolando (1986), “Eutopia e emigração. Abordagem micro-sociológica na freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel”, in *Arquipélago*. Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Sociais, Vol. VIII nº 1, 107-132.
- Lalanda-Gonçalves, Rolando (1984), *Eutopie, insularité et migrations. Contribution à l'analyse des processus socioculturels dans un environnement insulaire*. Thèse de Doctorat de 3ème Cycle, Montpellier: Université Paul Valéry. (policopiado).
- Moles, Abraham (1982), *Les labyrinthes du vécu. L'espace matière d'actions*. Paris : Méridiens.
- Moles, Abraham & Rohmer, Elisabeth (1972), *Psychologie de l'espace*. Paris: Seuil.
- Mucchielli, Alex (2004), *Approche par la modélisation des relations*. Paris: A. Colin.
- Observatório do Emprego e da Formação Profissional dos Açores (1997), *Estrutura Empresarial 1997*. Ponta Delgada: Secretaria Regional da Economia.
- Rocha, Gilberta & Medeiros, Octávio (1994) *Diagnóstico socioeconómico da Região Autónoma dos Açores*. Ponta Delgada (policopiado).
- Rocha, Gilberta & Medeiros, Octávio (1995) *Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações*. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos.

# METROPOLIS PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA

